

Especial

Entrevista Especialista em Inovação recebida por Dilma diz que setor público tem papel crucial nos investimentos “Há um pessimismo exagerado com o Brasil”

Vanessa Jurgenfeld
De São Paulo

Foi concorrido o painel no qual a economista Mariana Mazzucato, professora de economia da inovação na Universidade de Sussex, na Inglaterra e autora do livro “Estado Empreendedor - Desmascarando o Mito do Setor Público vs. Setor Privado” participou no 6º Congresso Brasileiro de Inovação da Indústria, organizado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), em parceria com o Sebrae. Ciceroneada por representantes do governo e por pesquisadores, ela foi abordada por fãs interessados em tirar foto e pedir autógrafa à autora italiana.

Mariana tem se tornado cada vez mais conhecida no Brasil. No último dia 15, reuniu-se com a presidente Dilma Rousseff e mais sete ministros e vem sendo cotada para ser consultora do governo na área de inovação. Ela tem bom trânsito no Ministério da Ciência e Tecnologia (MCTI) e no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Trazendo principalmente ideias keynesianas para a discussão da inovação, é defensora ferrenha do Estado como crucial para conduzir e investir na inovação. Ela aponta o dedo a que muitos empresários do setor privado preferem não revelar: que o Estado está por trás de uma série de inovações, como foi o caso do gás de xisto mais recentemente nos Estados Unidos, como ela cita. Em entrevista ao Valor, Mariana destacou que deveria haver mais ênfase nas políticas públicas para aumentar a força de diferentes atores como Finep, a fim de que haja um sistema de inovação forte. E ampliar a interação do setor público com o setor privado. A seguir, trechos da entrevista:

Valor: A sra. costuma enaltecer alguns aspectos do Brasil, como o papel do BNDES na inovação. No entanto, há no país um processo de desindustrialização, pouca inovação e fraca política industrial...

Mariana Mazzucato: Eu realmente achava que as coisas estavam melhorando. Agora estou preocupada, porque há dificuldades reais sobre o que está ocorrendo no governo — no sentido de ele se direcionar para acalmar o mercado financeiro, se tornando muito conservador... É bastante interessante olhar como os ministros anteriores tentaram trabalhar. De 2008 até 2011 havia um investimento ativo do Estado nas inovações, e isso resultou em um setor privado também investindo mais. Isso é importante reconhecer, pois as mudanças foram grandes. Entretanto, mais ênfase deveria ser colocada para aumentar a força de diferentes atores como Finep, para que haja um sistema de inovação forte. É preciso dar atenção a como essas organizações interagem com os negócios do setor privado, parques científicos devem ser feitos para que haja trocas etc. É um processo cumulativo e gradual. Além disso, é preciso ter financiamento, e de fato vocês têm financiamento para inovação, porque há um banco que dá o funding e que pode ser receptor desses retornos no futuro para financiar o que vier depois. O próprio sistema cria retornos que podem ser reinvestidos. Há um pessimismo exagerado com o Brasil. O país possui diferentes atores, vocês precisam entender melhor como eles podem atuar juntos. O perigo agora é que, por causa do recente escândalo da Petrobras, e por causa da narrativa que se conta, de que isso tudo é por conta de haver um Estado grande demais, vocês corram o risco de destruir aquilo que foi motivo do sucesso.

Valor: Como assim?

Mariana: A situação é muito perigosa e delicada no Brasil. As pessoas têm que se acalmar em termos de suas ideologias e entender que os lucros futuros dos negócios dependem de uma séria política pública e privada e não de simplesmente cortar o papel do Estado, como as coisas parecem ser discutidas neste momento. BNDES e muitas outras organizações têm sido vistas como um problema em vez de parte da solução.

Valor: “Parte da solução”?

Mariana: Claro que o problema é que vocês ainda têm um PIB per



A economista Mariana Mazzucato: “A situação é muito perigosa e delicada no Brasil. Eu acho que as pessoas têm que se acalmar em termos de suas ideologias”

capita baixo e níveis de pobreza que precisam de muita energia do governo, com programas como o Bolsa Família. Mas em vez de isso ser um “trade-off” — faço inovação ou alívio a pobreza? —, podemos pensar como os dois podem atuar juntos. E é nisso que os bancos públicos são interessantes, porque o BNDES na última década teve um bom retorno e muito desse retorno foi para o Tesouro. E o Tesouro, por sua vez, pode decidir o que fazer com aquilo: direcionar para educação ou outros programas etc. O que o BNDES guarda consigo pode ser usado para fomentar outras inovações. Isso estava ocorrendo no Brasil, é interessante ver isso.

Valor: O Brasil fez algumas políticas de desonerações de impostos para algumas indústrias que foram muito criticadas, especialmente porque não houve contrapartidas em termos de investimentos na economia.

“Eu dou um conselho para o Brasil: tenham certeza de que vocês estão de fato atacando a fonte dos problemas”

Mariana: Não gosto do termo sistema igualitário, porque sistema igualitário pode ser parasita, predador ou mutualista. Sistema mutualista seria aquele no qual o governo estaria ajudando, dando fomento, provendo as áreas mais difíceis em que o setor privado não investe. Mas para ser mutualístico é preciso que o setor privado entre no jogo também e veja os benefícios disso. E não usar esse sistema como uma desculpa para fazer cada vez menos. Este é o problema. É preciso um setor público confiante. Existe uma crise de confiança, que explica em parte muitos dos problemas que temos em vários países, incluindo o Brasil. Essa narrativa corrente de que o Estado deve sair do caminho... O que ocorre é que o Estado cria os programas de subsídios, mas não tem a confiança para demandar nada de volta.

Valor: Houve muitos erros nessas políticas no Brasil?

Mariana: Claro. Há muitos erros, mas o problema é o tipo de conversa que as pessoas estão tendo agora no Brasil — e não só no Brasil. Isso está prejudicando no fim das contas a própria conversa. Na verdade, está tornando as coisas piores, porque toda a atenção está em torno dos subsídios do governo, dos problemas da Petrobras, e também o BNDES está sob ataque massivo. Isso tudo de fato vai piorar a estabilidade do governo para demandar algo do setor privado, o que torna tudo mais distorcido. O que deveria ser discutido é qual é o caminho ideal em diferentes setores para organizar a ação privada e pública, de forma que público e privado entrem no jogo.

Valor: A sra. costuma falar do pa-

pel do BNDES. Uma das críticas tem sido pelo que alguns chamam de política de “escolha de vencedores”...

Mariana: O problema não é escolher vencedores ou não. E sim como escolher. E quanto abrangente isso pode ser. A história do iPhone e outras histórias foram todas escolhidas, como a tecnologia do GPS. Ir para a lua foi uma escolha, e houve uma série de lições de casa para a indústria que isso ajudou a resolver. As missões trazem os problemas a partir dos quais a interação entre o setor privado e o público pode ocorrer. Essa ideia de que de alguma forma a “revolução verde” ou mesmo a nanotecnologia ocorreriam sem que o governo as escolhesse é historicamente falsa. Você então tem que fazer escolhas, deve estruturar agências governamentais para que elas façam essas escolhas, tenham expertise em áreas tecnológicas, e que também ocorram os processos que toda a inovação requer. Quando você escolhe, está empurrando a fronteira do mercado, não só a fronteira tecnológica, mas até mesmo as discussões sobre estilo de vida. A indústria farmacêutica, por exemplo, não deve apenas pensar novos medicamentos, mas novas formas de as pessoas viverem. Quando não há um Estado confiante, é o setor privado que define as fronteiras. Com isso, as empresas privadas podem fazer os medicamentos complexos, mas não empurram novas áreas que são menos lucrativas para a indústria farmacêutica, mas muito lucrativas para a sociedade como um todo. Se o setor público investe nisso, pode empurrar a fronteira do mercado para novas áreas, como estilo de vida, diagnósticos, outras drogas etc. Essas escolhas devem ser suficientemente corajosas para sair das fronteiras definidas pelo setor privado.

Valor: A sra. menciona a necessidade de o Estado ter uma grande direção no campo da inovação, como uma missão. A sra. vê a grande direção da inovação no Brasil?

Mariana: Não sou especialista em Brasil. Mas com certeza existe a biotecnologia associada ao agribusiness. O importante é como conectar diferentes áreas. Ir para a Lua não foi interessante por ir para a Lua, mas por causa dos diferentes setores que isso envolveu. Não é de minha alçada dizer em qual área o Brasil deveria se direcionar, mas o que eu posso dizer é que essas escolhas deveriam dar o ritmo e mudar muitos setores. Isso é ser “mission-oriented”. É diferente de escolher setores prioritários.

Valor: Alguns economistas entendem que o Brasil fez escolhas de setores e de empresas.

Mariana: Parte disso precisa ser feito. Algumas coisas precisam ser feitas em nível setorial, de forma vertical. Mas as coisas realmente mudam quando você tem os problemas intersetoriais identificados pelas políticas públicas e isso pode forçar os setores a trabalhar juntos. Isso permite que a política pública forme “elos” entre os setores e traga conhecimento. Eu creio que no Brasil as áreas que podem se cruzar, como biotecnologia, agribusi-

ness e a economia verde seriam muito interessantes no futuro, se esse cruzamento de fato ocorrer.

Valor: Há muitas ideias de Keynes por trás do que a sra. defende. Em um cenário de juros altos, como no Brasil, como convencer o empresário a investir na economia real?

Mariana: O que é esquecido na análise keynesiana é a noção de empresário e do espírito animal. São noções fortes. Você não apenas baixa as taxas de juros e consegue despertar o espírito animal dos empresários. São instintos direcionados para onde as oportunidades futuras estão. Se você leva isso a sério, essa não é uma questão importante só para o momento depressivo do ciclo econômico. [Joseph] Stiglitz, [Paul] Krugman e outros dizem que estamos em uma recessão agora, devemos ter políticas anticíclicas e o governo deve investir. Mas e o que você faz no “boom”, apenas dá um passo para trás? O que sabemos é que mesmo no “boom” não temos espírito animal. Os empresários não investem em certas áreas, que podem até ser interessantes, mas consideradas de alto risco. A teoria keynesiana mostra que quando se está em recessão, é preciso política anticíclica, mas não nos diz muito o que fazer quando estamos no “boom”, além das questões de regulação. O que guia os investimentos das empresas não é o lucro corrente ou a comparação das taxas de juros, mas a percepção do futuro. Essa é a questão central. Pensar que você vai conseguir ter investidores reduzindo as taxas não funciona. Pode funcionar no curto prazo. Mas não faz a mudança estrutural.

Valor: A sra. está pessimista em relação ao Brasil nos próximos anos?

Mariana: Eu era otimista desde Lula até dois anos atrás. Não tanto olhando para as questões de taxas de crescimento, mas o tipo de discussão que havia sobre desenvolvimento, inovação relacionada às questões de pobreza. A inovação era parte do processo. A trajetória parecia que estava numa boa direção. Acreditado que muita ideologia tem guiado os críticos, como em relação ao BNDES. É preciso entender o que o setor público pode fazer e não ver tudo que o setor público faz como corrupção.

Valor: Alguns economistas heterodoxos têm dito que Dilma cedeu ao mercado. O que a sra. acha?

Mariana: Isso não é algo novo para mim. Basta ler o Krugman e você vai saber que este é o caminho errado. Parte do meu trabalho não é só dar suporte ao argumento keynesiano e me contrapor à ideia de que políticas contracionistas não vão adiantar. Elas, aliás, nunca funcionaram. Diga-me um país onde elas funcionaram? Nenhum. Estados Unidos não crescem porque há política contracionista, China também não cresce via contracionismo... Parte do meu trabalho também é mostrar que as políticas devem ser “mission-oriented”: é preciso não só um ativo mas também corajoso setor público.

Valor: Há no Brasil uma discussão sobre flexibilização de regras do mercado de trabalho, como algo

que poderia ajudar no crescimento.

Mariana: Se você acha que pode atacar o custo de trabalho cortando os salários, significa que você não entendeu que o custo de trabalho é formado pela produtividade e pelos custos do salário. Quando eu olho para países da Europa como Portugal, Itália e Grécia, o salário não é o problema, mas há um problema de produtividade. E de onde vem o aumento da produtividade? Do investimento. Nós temos que ter certeza que estamos catalisando os investimentos nas áreas-chave, em vez do que eu vejo na Europa, que é reduzindo do lado do trabalhador, mas não se fazendo nada do lado da produtividade. Eu dou um conselho para o Brasil: tenham certeza de que estão de fato atacando a fonte dos problemas.

Valor: Depois da crise de 2008, há um crescimento mais baseado na inovação que na especulação financeira?

“BNDES e outras organizações têm sido vistas como um problema em vez de serem vistas como parte da solução”

Mariana: Isso depende. Há países como Espanha que estão crescendo porque decidiram que todos os seus problemas vêm dos trabalhadores e dos sindicatos. A Espanha tem visto o mercado de trabalho como impedimento para o seu crescimento, então está cortando esses custos, o que envolve desde ações para o enfraquecimento dos sindicatos à retirada de algumas regulações sobre o trabalho — como a Itália fez. No curto prazo, isso pode causar crescimento. Por exemplo, se uma empresa paga menos aos seus trabalhadores, consegue lucros maiores. Mas no longo prazo, isso vai retrair o seu crescimento. Primeiro porque não é daí que o crescimento [sustentável, de longo prazo] vem de fato. Os lucros maiores provêm de investimentos maiores em melhoria das capacidades do trabalhador e de pesquisa e desenvolvimento em diferentes setores, que aumentam a produtividade. Na Europa e também em diferentes partes do mundo, a crise de produtividade que houve — em 20 anos muitos países tiveram ganho zero de produtividade — foi entendida como um problema desses diferentes tipos de impedimentos como os direitos do trabalho. No Reino Unido, o crescimento tem vindo puramente do consumo e não do investimento. As taxas de endividamento subiram muito. Houve diferentes tipos de políticas de incentivo para que as pessoas comprassem casas, mas eles não tinham os rendimentos para isso. A grande questão é: dado o que a crise de 2008 nos mostrou, temos economias muito desequilibradas. Facilitamos que apenas partes das econo-

mias tivessem uma recuperação do lucro muito rápida — como o setor financeiro, que faz uma operação em cima de outra e não está exatamente financiando a economia real. Não houve reformas para que as economias crescessem baseadas no investimento de longo prazo. Não fizemos praticamente nada. E isso torna as coisas piores.

Valor: Não houve um aprendizado dos países após a crise de 2008 sobre a necessidade de atentar para a qualidade do investimento?

Mariana: Não. Há duas coisas significativas que deveriam ter ocorrido. A primeira é que deveríamos ter privilegiado a criação de valor sobre a extração de valor. Muito do que o setor financeiro faz é transferir riqueza existente, ele não cria riqueza de fato. E a segunda é que não entendemos a teoria sobre de onde vem a riqueza. Por exemplo, ouvimos na conferência sobre a importância dos empresários e do Estado e não ouvimos nada sobre os trabalhadores. Temos, portanto, uma teoria incompleta. Isso ocorre desde os anos 1970. Essa teoria que prevalece, ao esconder de onde a riqueza vem também ajuda a esconder de onde vem a distribuição de renda. Assim, permite-se que somente alguns se beneficiem do crescimento quando ele de fato ocorre. Você pega o exemplo da tecnologia limpa. Não temos investimentos hoje suficientes. Quando ocorrer, haverá uma bolha da tecnologia limpa, haverá lucros no setor energético. Agora é uma escolha, mas logo será algo que todos terão que fazer. Meu ponto é: ok, vamos ter o investimento em tecnologia limpa, mas com quem devem ser divididos os rendimentos quando eles ocorrerem? Vimos o “boom” das empresas pontocom, da biotecnologia e os ganhos foram distribuídos de maneira limitada. Estamos numa crise de investimento, as grandes corporações não estão reinvestindo os seus lucros, isso afeta as capacidades e os empregos. Temos ainda o setor financeiro se apropriando da extração de valor.

Valor: A sra. tem dito que o crescimento das políticas de inovação no mundo deve vir acompanhado de “desfinanciização”.

Mariana: O que eu tenho achado muito curioso é essa nova atenção em inovação e em política industrial. Algumas são bem-vindas, mas isso tem ocorrido por meio de um caminho problemático. Dizem que como as finanças não estão indo bem, tivemos os problemas dos derivativos etc, agora nós precisamos investir na indústria, precisamos redirecionar os recursos das finanças para a inovação. Mas essa é uma maneira problemática de colocar a história. As indústrias são significativamente financeirizadas. Por isso, políticas de inovação precisam vir acompanhadas de “desfinanciização” da economia real. Por exemplo, quanto as multinacionais têm gastos seus lucros nas recompras de suas próprias ações? Isso aumenta os valores das opções de ações e os salários dos executivos. Os executivos “top” das organizações principalmente ganham 80% dos seus pagamentos a partir das opções de ações. Quando você pergunta a eles — e eu tenho perguntado — por que não estão reinvestindo lucros na economia real, dizem que não há oportunidades suficientes. Mas os dois setores que têm as maiores recompras de ações são farmacêuticos e energia. Setores que têm grandes oportunidades, e nós também temos investimentos públicos nessas duas áreas. Então, por que essas empresas não se sentem pressionadas a investir? Essa é uma tragédia-chave hoje.

Valor: Como é possível realizar a “desfinanciização”?

Mariana: Primeiro, o problema não é só financeirização, é um problema de investimento literalmente. Quanto do lucro retorna para a economia real e no quê? Se há incentivos para as empresas investirem, isso precisa ser condicionado a retornos para a sociedade. Uma condição, por exemplo, dada para a AT&T foi: vamos te deixar ser um monopólio se você reinvestir. Esse é um exemplo, mas as próprias recompras de ações deveriam ser limitadas. Hoje, recompras e dividendos consomem 100% ou mais do lucro líquido.